



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Março

Outro dia de verdadeiro e rigoroso inverno, justamente como nos dois primeiros meses do corrente anno, foi o dia 13 de Março. A chuva cahiu abundante e por vezes torrencial desde pela manhã até á noite, inundando as estradas e tornando em muitos pontos assaz perigoso e quasi impossivel o transito de todo o genero de vehiculos.

Apezar do mau tempo, porém, foi bastante elevado o numero de peregrinos que acorreram a Fátima no intuito de prestar os seus cultos fervorosos á Augustissima Virgem do Rosário. Quando principiou a segunda missa campal estavam presentes cerca de duas mil e quinhentas pessoas. Alguns automoveis e um grande numero de carros estacionavam na estrada e nos terrenos adjacentes. Quando chegámos, ia principiar a segunda missa. A primeira tinha sido celebrada ás dez horas pelo rev. Antonio Correia Ferreira da Motta, coadjutor da freguezia das Mercês, de Lisboa. A segunda missa foi celebrada pelo rev. Manuel Marques Combina, parcho de Arrabal (Leiria). Durante esta missa rezou-se o terço em commum e fizeram-se as invocações do costume.

As duas missas commungaram algumas centenas de pessoas, sendo sobremaneira commovente a piedade com que todas, de mãos postas e profundamente recolhidas, se aproximaram da Sagrada Mesa.

No fim da segunda missa fez-se a exposição á bôcca do Sacratio e, cantado pela multidão o *Tantum ergo*, deu-se a benção com o Santissimo Sacramento.

Em seguida subiu ao pulpito o rev. Guilherme da Silva Oliveira, parcho da Folgosa, concelho da Maia, Porto, que durante cerca de meia hora fallou sobre o culto de Nossa Senhora, explicando a significação symbolica das cinco letras do nome de Maria: «mãe, amor, rainha, immaculada e avé».

Após o sermão distribuíram-se gratuitamente milhares de exempla-

res da «Voz da Fátima», que eram procurados com avidéz.

Junto da fonte que brotou precisamente no local, onde, segundo a affirmação constante dos humildes e innocentes pastorinhos de Aljustrel, a Virgem Santissima se dignou apparecer-lhes pela primeira vez, encontram-se inumeros peregrinos que esperam pacientemente a sua vez de encherem os recipientes que trazem consigo. Alguns fieis cumprem edificantemente as promessas que fizeram. A chuva que durante as missas cessara de cahir volta de novo a fustigar os rostos e a ensopar os fatos. Varios peregrinos tinham vindo de longe a pé, uns por espirito de penitencia, outros devido á impossibilidade de arranjar á ultima hora meios de transporte.

Todos, porém, se mostravam alegres e satisfeitos e, momentos depois, quando, isolados ou em grupos, regressavam aos seus lares distantes, era sobremodo edificante a simplicidade com que muitos diziam que valia bem a pena andar leguas a pé e sofrer as inclemencias do tempo para vir passar umas horas de paz suavissima e de inolvidavel encanto no local cinco vezes consagrado pela presença da gloriosa Rainha dos Anjos.

V. de M.

As curas da Fátima

«Murtosa - Pardêlhas, 25/3, 924.

Rev.º Senhor

Venho trazer a V. R.ª uma noticia consoladora para ser publicada na «Voz da Fátima». Trata-se de uma cura que obtive por intercessão de Nossa Senhora, e quero levá-la ao conhecimento de todos os leitores da «Voz» e de todos os que amam a Nossa Mãe do Ceu, a fim de que se reconheça mais uma vez que nunca por Ella é desamparado quem reclamar o seu socôrro.

Permita-me, pois, que eu faça a narração do facto.

Em 16 de setembro de 1920 tive de sujeitar-me a uma operação no estomago, porque vinha desde ha muito tempo soffrendo horrivelmente

e quasi se me tornava já impossivel a alimentação. Passaram-se quasi quatro anos sem que eu experimentasse incómodo de maior, mas agora, em principios de fevereiro, voltaram-me novamente as dôres no estomago e nas costas, no lado direito, com muito maior intensidade. A principio quiz ocultar a meus pais o meu sofrimento para assim evitar a vinda do médico e não me vêr forçada a tomar medicamentos. Como o sofrimento não diminuisse, antes se fôsse agravando, e a alimentação e o movimento fôsem para mim motivo de novas dôres, bem depressa veiu a minha familia no conhecimento do que se passava e tive de consultar o médico. Este prescreveu-me uma diéta rigorosa, mandou-me estar só a leite durante alguns dias, receitou-me um medicamento e acabou por dizer-me que, não obedecendo as dôres a este tratamento, teria de recorrer a um especialista. Segui á risca as ordens do médico mas não consegui melhorar. Desanimada com este insucesso, eu supunha-me já no mesmo estado que em 1920 me forçou a ser operada.

Aflicta por me vêr soffrer tanto, minha mãe apelava para o Ceu e constantemente me aconselhava a tomar a agua de Nossa Senhora de Fátima, pois tinha grande esperança de que eu fôsse curada. Sem revelar a ninguem o que fazia, fui tomando por duas vezes a agua, mas não era bem viva a minha fé porque, da primeira vez, tomei a agua quente, e, da segunda, não a engoli sem primeiramente a aquecer um pouco na bôcca. Não senti melhoras, pois era tão pouca a minha confiança em Nossa Senhora! Era justo, pois, que a Santissima Virgem me provasse!

Como a minha mãe ignorava o que eu já tinha feito, instava cada vez mais e veiu contar-me a cura da Alzira Sebolão, relatada no ultimo numero da «Voz», que tem sido o asombro de toda a gente! Fiquei então convencida de que a minha pouca fé era um obstaculo á minha cura, e decidi-me a tomar a agua fria como fez aquela miraculada. Rezei a Avé Maria, bebi um pequeno calice da agua santa e pedi, bem do fundo d'alma, á minha Mãe Celeste que

me curasse se fôsse essa a sua vontade. Desde esse momento principiei a sentir alívios. Durante a noite, banhada em lágrimas eu pedia a Nossa Senhora que completasse a sua obra, e fazia o voto de ir ao lugar onde Ella appareceu e ahi recitar de joelhos o meu terço. Foi ouvida a minha supplica que era feita já então com tanta fé! Nossa Senhora curou-me! Bemdita seja Ella! Tomei a agua no dia 29 de fevereiro; e, desde o dia 1 até ao dia 25 de março em que escrevo, não tenho tido o mais leve sofrimento; sinto-me completamente bem; continuo com as minhas occupações habituais e tomo agora com appetite as refeições que eram para mim motivos de tanto sofrimento.

Aqui tem, Rev. Sr., o que comigo se passou e que eu desejo tenha grande publicidade para honra de Nossa Senhora de Fátima. Tenho a honra de pertencer á Pia União das Filhas de Maria, de que sou um dos membros mais novos e mais humildes, e para isso considero tambem como mais uma graça especial para a nossa Associação este favor que me concedeu a nossa Mãe do Ceu.

Com os meus respeitosos cumprimentos, sou de V. R.^a Mt.^o Att. V.^{ra}

Maria José Lopes da Silva Costeira

De uma nossa ex.^{ma} assignante de Cabeçudos (Vila Nova de Famalicão) recebemos a seguinte carta:

«Cumprimentando mui respeitosa-mente a V., peço licença para narrar uma graça de N. Senhora de Fátima, que para sua honra e gloria não deve ficar ignorada.

Tenho uma sobrinhita pequena que tem sofrido muito de febres intestinaes por vezes muito graves, chegando a inspirar-nos serios cuidados. Costumam ser bastante demoradas e a penultima, no ano passado, durou-lhe talvez mais de dois mezes, deixando-a muito abatida e enfraquecida. E' por isso que, quando em Janeiro ultimo a pequenina Maria Thereza ficou de cama com mais uma infecção intestinal, todos nos alarmamos e com razão. Estava a pequenina doente, já ha 8 dias em rigoroso tratamento imposto pelo médico, muita febre e grande fastio e já muito fraquinha. A's tardes quando a temperatura se elevava tinha muitas dôres num ouvido, de que tambem já sofria, que a não deixavam dormir, nem tão pouco socorregar. Aplicaram-se varios remedios mas nenhum conseguiu acalmal-a. Foi então que alguém, que estava junto da doentinha, cheia de fé em N. S. das Dôres de Fátima, disse: «tu vaes sarar já!» E molhando uma bolinha de algodão na agua milagrosa de Fátima, introduziu-a no ouvido do nosso pequenino amôr, que adormeceu immediatamente, para só acordar no dia seguinte sem dôres, sem febre, sem symptomas da infecção e com o appetite recuperado! E' inegavel que foi Nossa Senhora quem curou a Maria Therezinha. A pequenina fizera ha mezes, com dois irmãozinhos tambem pequenos, a sua 1.^a Comunhão e, tendo apenas 5

anos a todos nos encantou e impressionou o seu fervor e recolhimento! Nossa Senhora quiz conceder a sua protecção a quem com tanto amôr recebera a Seu Filhinho Jesus no coração! Assim a nossa bôa Mãe do Céu lhe continue e aos irmãozitos, a sua protecção pela vida fôra e lhes conserve as alminhas brancas como no dia da sua 1.^a Comunhão.

Perdôe-me V. Ex.^a este incomodo, que por Nossa Senhora lhe dou, etc. . . .»

Obtiveram graças que veem agradecer a Nossa Senhora do Rosario:

— D. Anna de Portugal L. de Vasconcelos Trigoso, de Alcains (Beira Baixa), que estando muito doente recorreu a N. S. da Fátima e envia 50:000 rs. para o seu culto.

— Josefa de Jesus Marques, de Rio de Mel, que ha muitos annos padecia de hidropesia, tendo de passar a maior parte do anno na cama.

Tendo recebido uma estampa de Nossa Senhora e um terço que um peregrino que em julho foi a 1.^a vez á Fátima, lhe trouxe, pediu a sua cura com tanta instancia que agora já faz quasi todos os serviços domesticos e espera ir agradecer a Nossa Senhora logo que tenha meios.

— Maria Luiza, casada, do mesmo logar, tendo uma grande inflamação nos olhos, muitas névoas e dôres lembrou-se de pedir a um peregrino umas 20 gôtas de agua da Fátima, que applicou aos olhos, estando completamente curada. Se puder irá em Maio á Fátima entregando nessa occasião cem escudos para as obras da futura igreja.

— D. Dolorosa da Costa Andrade, da freguesia de Carnicaes (Tranco-so), que no dia 22 de setembro ultimo teve um grande ataque que durou mais de quatro horas. O marido recorreu a Nossa Senhora e passada meia hora começou a doente a dar signaes de vida. Veio em 13 de outubro ultimo á Fátima agradecer a Nossa Senhora.

— Amelia Duarte da freguesia das Torres, que tendo um panarício, em risco de ter de sofrer uma operação, invocou Nossa Senhora da Fátima de que já tinha uma fotografia. Tendo collocado terra e agua da Fátima na parte doente, acordou com o dedo rebentado, estando completamente curado e sem defeito.

Visitas ao Santissimo Sacramento

Cada dia, tanto quanto possivel, farei uma visita ao meu amavel Salvador.

Nunca passarei perto de uma igreja sem entrar, a não ser que as circumstancias o não permitam.

Se o tempo urge, demorar-me-hei apenas um instante para adorar aquelle que ali habita, diz-lhe-hei que o amo e lhe pedirei a sua graça e a sua benção. Uma creança não passaria deante da casa de seu pae sem lhe dar um signal de affeição.

Se não posso entrar na igreja farei no meu coração um acto de fé e

de Amor a esse Deus occulto, que do fundo do seu tabernaculo me vê passar e me segue sempre com o seu olhar amoroso.

Se tenho de ir passear/dirigir-me-hei de preferencia a uma igreja. Tenho de escolher casa escolherei a que estiver mais perto ou mais á vista da casa de Deus.

Tenho de emprehender uma viagem ou tomar resoluções importantes, irei á igreja pedir a Jesus que me abençoe e, o que é muito importante, comungarei.

Quando chegar a uma cidade ou aldeia tratarei primeiro de ir fazer uma visitinha a Jesus Christo no seu santuario. Ao partir irei fazer-lhe as minhas despedidas, pedir a sua benção e que me guarde.

Nestas visitas quotidianas farei principalmente os seguintes actos:

Adoração profunda, contrição dos meus pecados, confiança no coração de meu Salvador e Amor, em nome de todas as creaturas, em união com Maria Imaculada, com os anjos e santos. Acção de graças pela instituição d'este augusto sacramento e por todas as minhas comunhões passadas, reparação de todas as minhas infidelidades e ingratidões dos homens, communhão espiritual, oferecimento de mim mesmo e das minhas accões, entretenimentos com Nosso Senhor contando-lhe as minhas penas e difficuldades em vez de ir queixar-me e desabafar junto das creaturas.

Santos

Porque não? Podemos e devemos sel-o.

Podemos. Afinal o que é um Santo? Ou melhor o que era elle quando vivia neste mundo?

Os Santos eram umas pobres almas como nós. Por os vermos agora com uma corôa de gloria facilmente imaginamos que elles eram de natureza diferente da nossa.

Nada d'isso! Eram como nós filhos de Adão; tinham defeitos como nós e alguns até pecaram mais que nós. Pedro, Paulo, Magdalena, Agostinho, Margarida de Cortona caíram no peccado; Francisco d'Assis, Francisco Xavier, Francisco de Sales, Luiz de Gonzaga, tinham defeitos como nós.

A unica differença, mas a grande differença que existe entre um santo e um peccador é que o peccador permanece no seu peccado e o Santo sae d'elle; é que o peccador cede facilmente ás suas más inclinações e o Santo resiste-lhe.

Ora se os Santos do céu fôram o que eu sou, porque não serei eu o que elles são?

Uma outra illusão é que nós pensamos que os Santos não deviam fazer o que nós somos obrigados a fazer.

A' força de os vermos revestidos d'ouro e purpura, á força de vermos a corôa na sua fronte e ouvirmos contar os seus milagres, imaginamos que os Santos eram creaturas á parte, de uma vida completamente extraordinaria.

Assim, por exemplo, se tivésseis vivido na Galileia no tempo de Herodes terieis talvez encontrado alguma vez um pobre carpinteiro, que depois de ter trabalhado todo o dia, de feramenta ás costas, voltava para junto de sua esposa, que lhe tinha já preparada a ceia. Era S. José que voltava para junto da Santíssima Virgem. Se tivésseis vivido no tempo da prégação do Salvador e passeásseis ao longo do lago de Genesareth terieis visto dois homens que remendavam suas redes e falavam de peixe e de pesca: eram S. Pedro e S. João.

Se tivésseis vivido em Corintho no tempo do proconsul Galliano, um pequeno fabricante de tapetes, judeu, que trabalhava com dois dos seus companheiros: este fabricante de tapetes e de tendas era S. Paulo.

Se tivésseis vivido em Espanha no tempo de Fillipe 2.º, terieis visto um estudantinho que resava com fervor na capela, que estudava a valer na sala de estudo, mas brincava com alma nos recreios: era S. Luiz Gonzaga.

Depois mais tarde, aquelle pastorinho que terieis encontrado debaixo de um carvalho, guardando as suas ovelhas ou levando os sacos de grão para o moinho: era S. Vicente de Paulo.

Outras pastorinhas que terieis encontrado no campo: eram Santa Genoveva e Santa Germana.

Esta pequenina vendedeira e ceifeira de Cuvilly, é a bemaventurada Julia Billiard.

Esse mendigo que anda de porta em porta com seu bordão e seu saco é S. Bento José Labre.

Se alguém nos tivesse dito então: atenção, reparae bem, são Santos, levantaes-lhes altares!

Responderieis talvez admirados: pôde lá ser! Santos! E então um Santo é só isto?

Não, um Santo não é só isto.

Não se trata de fazer milagres ou maravilhas, — trata-se de fugir do pecado e de cumprir cada um, bem, os seus deveres. E não poderíamos nós fazel-o? Por tanto, podemos ser Santos.

E devemos sel-o. Ouçamos o que diz N. Senhor: «Sede perfectos como vossó Paé celeste é perfeito. Sede Santos porque eu sou Santo.»

Ouçamos agora S. Paulo: «A vontade de Deus é esta: que sejaes Santos».

Lembre-mos que não ha meio termo: ou seremos Santos no Céu ou condemnados no inferno. E' forçoso escolher.

Não nos esqueçamos que fomos creados para sermos Santos e ir para o Céu. Como S. João Berchmans digamos: «Quero ser um Santo, um grande Santo e hade ser em pouco tempo.»

O exame final

Uma creança levava um dia para casa, cheia de alegria, o seu primeiro premio obtido no cathecismo.

A mãe deu-lhe um grande e ternó beijo e o acariciou muito pela consolação que ele lhe dava.

O pae sorrindo friamente diz: «E o premio em historia, em arithmética, em gramatica? São estes, meu filho, os premios que te tornarão feliz e util no futuro; o de cathecismo não te serve para os exames nem te abrirá nenhum futuro na vida. . . »

A creança, desgostosa, calou-se por uns instantes. Depois, como que iluminado por uma luz superior, respondeu: «Papá, o premio de cathecismo ha de servir-me para o exame final de Deus e me abrirá as portas do Ceu».

Recordemos esta bella e sublime resposta e que os paes trabalhem para que seus filhos possam merecer o premio em cathecismo sem prejuizo d'outros que lhes pôdem ser uteis.

As aparições de Lourdes

VII

Terceira aparição, em 18 de Fevereiro. — Promessa da Aparição

Na cidade, a classe popular occupava-se muito das aparições de Massabielle. Mas, como eram contadas por raparigas e creanças, em geral ligava-se pouca importancia ao que se appellidava de imaginações de cabecinhas loucas.

As raparigas, essas repetiam a toda a gente num tom de sinceridade que empolgava a convicção:

— Ah! se vissem Bernadette em extase! Já não é ella, mas um anjo em adoração. E' mais bella que os anjos que rezam nos nossos altares!

Havia em Lourdes uma congregação de Filhas de Maria, cuja presidenta, Elisa Latapie, tinha morrido alguns mezes antes. Senhora bastante notavel pela sua doçura, affabilidade de character, distincção e generosidade d'alma, conciliava a estima de todos e a sua memoria tinha deixado como que um sulco de luz e de bondade.

Interessava-se por cada uma das raparigas, amava-as, seguia-as na vida, e para todas era a melhor amiga, — pode-se até dizer a melhor das mães, porque a sua ternura para com ellas era ao mesmo tempo muito viva e muito esclarecida. Nas ruas da cidade não havia ninguem que não a saudasse com respeito e no dia do seu enterro houve uma imponente manifestação de pesar e de sympathia.

Uma joven, Antonieta Zeydet, tinha sem duvida por essa senhora uma affeição mais profunda que as outras, porque, numa idade em que tudo se esquece depressa, ella chorava-a sempre.

Quando as suas companheiras lhe contaram que Bernadette via uma aparição em Massabielle, dirigiu-se ao «Carcere» e pediu numerosas explicações á creança. Esta era muito sobria quanto aos acontecimentos que lhe diziam respeito pessoalmente, mas respondia de bom grado ás perguntas que lhe eram dirigidas acerca da Aparição. Descreveu a Senhora mysteriosa, as suas feições, os seus olhos, o seu ar de bondade celeste, o seu traje branco com um cintó azul.

Antonieta viu nesse traje pareoças com o habito das Filhas de Maria.

Ocorreu-lhe a ideia de que era talvez Elisa Latapie que apparecia a Bernadette, por permissão divina, para pedir orações. Desde então esse pensamento jámais a abandonou e deu-se pressa em communicá-lo a uma das suas amigas, a senhora Millet, de Lourdes, na manhã de quarta-feira 17 de Fevereiro, resolvendo ambas fazer uma visita á familia Soubirous, na tarde desse mesmo dia.

Chogam ao cair da noite e encontram a mãe Soubirous a reprehender severamente sua filha. Bernadette com effeito supplicava-lhe que a deixasse voltar pela terceira vez á Gruta e ella recusava-se com má disposição, mesmo com uma certa irritação, a satisfazer essa supplica, invocando sobretudo razões de saúde.

— Seria talvez mais perigoso para ella, responderam-lhe as duas visitas, ser priva-

da desse gôso. Se lhe contraria esse desejo, que afinal de contas é tão razoavel, ficará muito triste e talvez adoeca.

— Então, exclamou a mãe, descobrindo a verdadeira razão, as senhoras querem fazer de minha filha um alvo de troça!

— Nós? A senhora faz-nos uma injuria imaginando semelhante cousa! Não insistimos, mas deixe que sempre lhe digamos, ao deixá-la, que contrahe uma grave responsabilidade. Quanto a nós, em verdade, não ousariamos assumi-la. Quem sabe se a senhora não está contrariando os designios de Deus!

Luiza Soubirous era uma mulher de fé viva e por isso estas palavras tornaram-na inquieta e perturbaram-na. Pegou-lhes nas mãos que apertou com força e affectuosamente.

— Ah! disse ella, eu perco a cabeça. . . Mas quero crer que as senhoras não me enganam. . . Confio-lhes minha filha. . . Vejam o meu soffrimento, as minhas angustias. . . Por caridade, olhem por ella!

Assim no dia seguinte antes do romper da manhã ellas veem buscar Bernadette a casa. Ao subir ouvem tocar o sino, que anuncia uma missa rezada. Dirigem-se á egreja para assistir a ella e para collocar a sua diligencia sob a protecção divina.

E' natural a suposição de que rezam com o maior fervor; tantos e tão diversos são os sentimentos que se agitam e atropellam nas suas almas!

Em seguida encaminham-se para Massabielle.

A luz do dia mal desponta, as portas das casas não estão devidamente abertas, por isso poucas pessoas reparam nellas. A senhora Millet leva na mão a vella benzida na festa das Candeias, que ella reserva para a acender no seu quarto nos dias de festa da Santíssima Virgem e nas occasiões de trovoada. Antonieta Leydet está embrulhada num grande capuz preto dos Pyreneus, onde occulta uma folha de papel, tinta e uma penna.

Como S. João correu e chegou primeiro que S. Pedro ao sepulchro de Jesus, Bernadette, logo que se acha no caminho de Massabielle, adianta-se ás suas companheiras. Avança, corre, dir-se-ia que tem azas; vae já subindo a encosta, depois desce rapidamente e penetra na gruta. As duas senhoras, não conhecendo tão bem o caminho pedregoso, só lá chegam alguns minutos depois. Bernadette está de joelhos e com os olhos fixos na ogiva negra por cima da sarça, reza o terço. Ellas acendem a vela benfita, ajoelham-se tambem e, como a creança, recitam o rosario. Oram assim por momentos, em silencio, deante do rochedo. De repente a pastorinha solta um grito de alegria: «Lá vem Ella! . . . Ei-la!» E prostrase até ao chão com o rosto radiante de felicidade.

As suas duas companheiras olham na direcção da gruta, para a sarça de roseiras bravas, e não vêem senão os rochedos asperos e escavados.

— Continuemos a rezar, diz a senhora Millet; se a Dama invisivel é aquella que julgamos, as nossas orações ser-lhe-ão certamente agradaveis.

Bernadette tinha os olhos fixos na Aparição, falava, sorria, era feliz, o seu coração estava em communicação com o da Dama, e ella gosava dessa doce felicidade, mas não entrou em extase. A Dama queria fallar-lhe e, como não convinha que se pudesse fazer passar Bernadette por uma visionaria, ella conservava a plenitude tranquilla das suas faculdades.

V. de M.

Congresso Eucharistico

Deve realizar-se em Braga nos dias 2, 3, 4, 5, e 6 de Julho, o primeiro Congresso Eucharistico Nacional. Tudo indica que terá um brilho excepcional e que ficará marcado uma época de reviviscencia religiosa e de amor para com Nosso Senhor, na Santa Eucharistia, de harmonia com as tradições do nosso Portugal tão devoto do Santissimo Sacramento.

Saudemos a Virgem

Saudemos a Virgem,
Devotos romeiros,
Saudemos a Virgem
Nos vales e oiteiros.

Saudemos a Virgem
Das pedras no meio,
Saudemos a Virgem
Cantando em cheio.

Saudemos a Virgem
Dalma e coração,
P'ra que dê a todos
A graça e perdão.

Saudemos a Virgem
Na Cova da Iria,
Saudemo-la sempre,
Que é nossa alegria.

Saudemos a Virgem
Nas pedras da serra,
Saudemos a Virgem
Nas glebas da terra.

No sol que nos enche
A terra de luz
Saudemos a Virgem
A Mãe de Jesus.

Saudemos a Virgem
Nos astros luzentes,
Saudemos a Virgem,
Se nós somos crentes.

Saudemos a Virgem
Na briza que passa
Ella é a Bemdita,
A cheia de graça.

Saudemos a Virgem,
Que é nossa Mãe;
Chorando contritos,
Saudai-a também.

Saudemos a Virgem
Com gozo profundo
Saudemos, cantando-a
Rainha do mundo.

Saudemos a Virgem,
Tão pura e sem par,
É tudo a saúde
O ceu, terra e mar.

Saudemos a Virgem,
Saudemos cantando
Quem cantar não possa
Saúde-a rezando.

Saudemos a Virgem
Que quer penitencia
É manda fazer
A's paixões violencia.

Saudemos a Virgem,
Que ella nos dará
Emenda de vida
E nos salvará.

O' ceus, vinde, vinde
Fazer companhia
Aos homens que cantam
A' Virgem Maria.

O bemdito terço
Trazemos conosco,
Cantando «o Senhor,
Maria, é comvosco».

Aqui todo um povo
Te adora, ó Maria,
E te canta ufano
Com viva alegria!

P.º Correia

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que
vae sendo tão querido e
procurado, é distribuido
gratuitamente em Fátima
nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o di-
reito de o receber dire-
ctamente pelo correio,
terá de enviar, adianta-
damente, o minimo de
dez mil réis.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	9:075:620
Impressão do n.º 18....	200:000
Outras despesas.....	36:000
Papel de impressão....	4:256:900
Somma....	13:568:520

Subscrição

(Continuação)

D. Joanna Ferreira da Fon- seca	10\$000
D. Maria José e D. Maria Julia Henriques Lino ...	10\$000
Donativos (Salvaterra) ...	3\$000
D. Eulalia Pereira Sá Couto	10\$000
Donativos, jornaes, etc. Car- rascos)	30\$000
P.º Augusto José Vieira (res- to de umas contas)	15\$000
D. Angelina de Jesus e Sil- va	10:000
D. Maria Perpetua Vidal Pa- trício	10:000
D. Maria da Graça de Car- valho	10:000
D. Ana da Conceição Rosa.	10:000
Luiz de Souza Moreira ...	10:000
D. Amelia Val do Rio Hen- riques	10:000
Ambrozio da Silva	10:000
João R. Coelho dos Reis ..	20:000
D. Alice Rodrigues	10:000
Deolindo Lourenço	15:000
Um devoto de N. Senhora.	100:000
P.º Miguel Jorge (2.º ano).	10:000
D. Monica d'Oliveira Cor- reia	10:000
Rosa de Jesus Cascaes (2.º anno)	10:000
Rosa da Gloria Rebimbas (2.º anno)	10:000
Gloria de Jesus Rebimbas (2.º anno)	10:000
Maria Francisca Manso (2.º anno)	10:000
Maria do Rosario Tavares Gravata (2.º anno)	10:000
Maria José Costeira (2.º an- no)	10:000
Joanna Baeta	10:000
Maria José Vieira	10:000
Manuel José Pereira (2.ª vez)	5:000
Martinho Afonso Lopes (2.ª vez)	5:000
Percentagem de terços e jornais avulsos (Pardê- lhas)	53:000

De jornais (P.º F. da Mot- ta)	25:000
P.º Antonio Correia Fer- reira da Motta	20:000
D. Maria Macieira (2.º anno)	15:000
D. Maria das Dôres de Frei- tas	10:000
D. Albertina d'Albuquer- que (2.º anno)	10:000
Dr. Raul de Magalhães (2.º anno)	10:000
P.º Lino da Conceição Tor- res	10:000
D. Maria da Conceição Tei- xeira	10:000
D. Maria da Conceição de Bettencourt Nogueira. . .	10:000
D. Maria de Souza	10:000
Homero Gomes	10:000
D. Anna de Albuquerque Bourbon de Souza Lara	10:000
Augusto M. de Faria Silva Carvalho	10:000
D. Maria Wadington	10:000
D. Magdalena da Silva ..	10:000
Amadeu de Mesquita ..	10:000
D. Piedade de Jesus Baux	10:000
De jornais (Josefa de Jesus)	17:500
D. Balbina Alvarez Rubi- ños de Dominguez (2.º anno)	10:000
D. Ludgera Empis	10:000
D. Palmira dos Anjos Ma- galhães	10:000
Manuel Ramos da Costa. .	10:000
Eduardo da Costa Men- donça	10:000
Bernardo Tavares Coelho .	10:000
D. Capitolina d'Araujo Gui- marães Rino	20:000
D. Angelica Artayett Lemos	10:000
José Antonio Gonçalves d'Azevedo (2.º anno) ..	10:000
D. Maria Barbara Simões .	10:000
D. Maria Emilia Tinoco Lo- bo	20:000
Donativos varios (Francis- ca Fitipaldi)	74:350
José da Fonseca Castel- Branco	10:000
D. Maria Sophia de Senna Azevedo Martins	20:000
D. Emilia Pacheco Azevedo	10:000
D. Beatriz Artayett Motta Guimarães	10:000
D. Maria da Conceição Santos	10:000
D. Augusta Carvalho	10:000
D. Maria Fernanda Santos.	50:000
D. Maria da Conceição Tos- cano Tinoco (2.ª vez) ..	30:000
D. Maria de Lemos d'Oli- veira	10:000
Condessa de Azambuja (2.º anno)	10:000
D. Maria Palmira dos Santos Jorge	11:000
D. Anna Sergio Faria Pe- reira	10:000
D. Virginia Augusta Lopes de Campos	10:000
P.º Luiz Caetano Portela (2.º anno)	10:000
D. Maria de Santiago	10:000
José Euzebio	10:000
D. Maria Gonçalves Santos.	10:000
Antonia da Conceição Eva- rista	10:000
D. Luiza Magdalena d'Albu- querque (2.º anno)	10:000
Percentagem em estampas etc. (Estrada)	15:000
José Monteiro de Campos .	10:000